

Um guia, um amigo, d'amor extremado ;
Um pae, que diz tudo : — nem frase ha mais cara.

Vós sois pequeninos ; e tu, meu mais moço,
Qual hoje te eu vejo, me julgo era então.
Os brincos da infancia, só elles — mais não ;
Eu via, saudava-os... oh com que alvoroço !

À nossa morada fronteiro, bem perto,
Erguia-se um templo. — Se o sino tangia,
Que maguas soasse, tangesse alegria,
Erral-o iam todos ; — mas eu sempre certo.

Inda hoje me lembram. — Se agora os ouvisse,
Seus sons, conhecia-os. — As fallas, os sons,
Que dizem memorias de tempos tão bons,
Prolongam-se em echos, — da infancia á velhice.

Um dia, já tarde, — depois do sol posto ;
O sino, que dobra : só disse = Jesus ! =
O pranto rebenta, toldou-se-me a luz ;
Meu corpo estremece, desmaia-me o rosto...

Mas vós assustaes-vos, meus filhos ! — Oh não.
Contando o que fôra, sómente não minto :
No pranto, que vêdes, dizendo o que sinto,
Perfumes s'espalham, d'um bom coração.

— Attentos ouvi-me, tranquillos, agora,
Depois, corro, corro... — por que, não direi.
Que força me leva, dizel-o não sei ;
Que dôr, em meu peito compresso, o devora.

Meu pae era enfermo. Voei a seu leito :
Seu rosto descubro, que sofrego beijo ;
Mas, nem de seus olhos m'eleva um adêjo...
A benção — tributo d'amor e respeito,

Eu peço, eu imploro... — Foi tudo baldado !
Cuidei-o dormido : — que a vista seduz,
A morte, se brilha de candida luz,
Do justo na fronte. — Já tinha voltado ;

Eis choro materno de novo m'attrahe.
No peito os receios augmentam, recrescem ;
Abraço-a ; e lhe rogo seus prantos já cessem ;
Rebentam mais soltos, e diz : = não tens pae ! =

À frase tremenda, que eu mal calculava,
Batêra-me o peito, d'estranho sentir :
Nem já, da mãe triste seu triste carpir,
Pedira enxugasse... — Se eu tambem chorava !

— Ai ! perda, tão grande, meus filhos não ha !
Nem vosso conceito seu pezo inda alcança.
De vós, o mais velho, p'ra tal, é creança...
Que tarde vos chegue : — bem tarde... oxalá !

— É perda, meus filhos, jámais resarcida.
É fonte de magua, que nunca s'esgota ;
Que ás flores da vida seu brilho desbota...
Em almas sensiveis, eterna ferida.

; Que duras mudanças em casa nos traz !
Respeitos, desvélos, constantes favores,
Que, ha pouco, a cercavam de vivos fulgores ;
São nevoa, que foge. — que á luz se desfaz !

Sorriso, louvores, que, ha pouco, nos deram ;
Palavras d'affecto, prudente conselho ;

São ôcas imagens, de gélido espelho,
Mentidas, sem alma... — quaes elles só eram !

O d'hontem amigo, nos olha indifferente ;
Encantos d'outr'ora, são hoje torpeza ;
Os dotes, as prendas, d'eterna belleza,
Em uivos, a inveja, nem esses consente !

— Que perda, meus filhos, a perda d'um pae !
Faz hoje trint'annos, coubera-me em sorte.
— Qual barca perdida, sem rumo, sem norte,
Que ao jogo das ondas, arriba, descáe ;

Assim eu ficára. — Mas, viva, brilhante,
A luz socegada de candida estrella,
Que, n'alma, em reflexos, eu via, tão bella,
Aviso, coragem me dava constante.

A estrella, meu guia, — sabeis vós qual era ?
Exemplo, sem mancha, d'honrado viver ;
Legado paterno, — que é maximo haver ;
Que mesmo da campa transluz, reverbera !

D'humilde oratorio, — na lampada accessa,
Nas portas patentes, — ahi vêdes agora,
A perda, meus filhos, que um filho deplora ;
Que vida, que amparo, que amor, que riqueza !

A divida é santa. Solvel-a impossivel.
— Lancemos, na concha, d'eterna balança,
Ao menos tributo de viva lembrança ;
Effluvio saudoso de peito sensivel.

— Agora, meus filhos, as fronte curvemos.
Assome, nos labios, fervente oração ;
Que é flor, que vegeta no bom coração,
O céu perfumando... Meus filhos — oremos.

Mafra, 25 de novembro de 1854.

J. DA C. CASCAES.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO (1).

LENDA NACIONAL.

VIII.

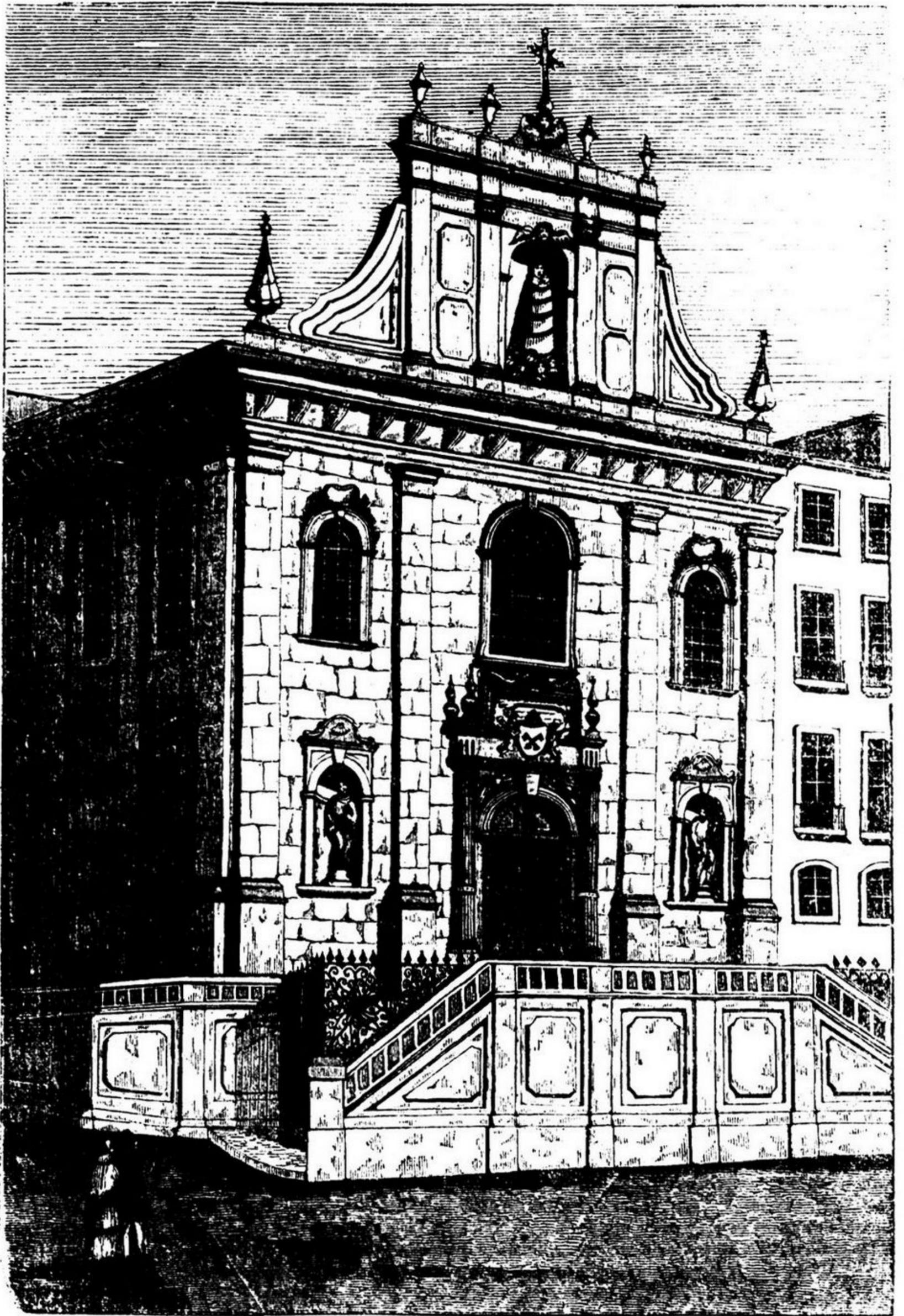
Segue este bom rei as pisadas da paixão de seu senhor, assim como a tem impressa n'alma : como verá quem quizer discorrer por todas as suas tribulações, até de desprezos e afrontas : chamado rei por escarneo, e levado, como dizem, de Herodes para Pilatos.

D. JOÃO DE CASTRO.

O EMPRAZADO.

Era ao declinar de uma tarde de abril, sob o bello céu de Napoles. A briza, perfumada pelas flores e fructos, de que tanto abundam os contornos da cidade, ondeava voluptuosamente por sobre as moradas de seus felizes habitantes, e distendendo-se pela ampla bahia, encrespava levemente as aguas, como um sorriso nas faces de formosa donzella. No oriente, como no occaso, uma larga cinta de purpura e ouro confundia o nascer com o saudoso pôr do sol ; porque á

(1) Continuação de pag. 416 do vol. XI.



LISBOA — IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO.

—Cumpra-se a vontade do condemnado, proseguiu o vice-rei.

—Condemnado estás tu pela justiça divina; só faltam vinte e dous dias.

—A ti, um só. Prepara-te para amanhã.

E saíu, e saíram os guardas. O desgraçado, quando se viu só, atirou-se de joelhos sobre o humido pavimento do carcere, uniu as mãos, e repetiu com fervor estes versículos de um dos psalmos de David:

«Senhor, guia-me na tua justiça: dirige diante de teus olhos o meu caminho, por causa de meus inimigos.

«Porque na bôca d'elles não ha verdade: o seu coração é vão.

«A sua garganta é um sepulchro aberto; elles se serviram das suas linguas para enganar: tu, Deus, os julga.»

No outro dia, era o último do mez de abril, um prestito horroroso atravessava lentamente a extensa rua de Toledo. Alguns archeiros da guarda do vice-rei conduziam entre alas um homem carregado de algemas, e montado em um jumento, levando, por desprezo, a face virada para a cauda do animal; o padecente ia pallido e abatido. Uma trombeta tocava com determinado intervallo de tempo; o prestito parava então, e um pregoeiro bradava:

—Justiça que manda fazer el-rei de Castella n'este homem, condemnado ás galés por toda a vida, por se ter intitulado D. Sebastião, rei de Portugal.»

—Sim, eu o sou, respondia uma voz fraca, cada vez que soltavam o pregão.

—Como o rei de Penamacor, dizia um do povo, por escarneo.

—Como o rei da Ericeira, clamava outro, rindo.

—Parece-me muita constancia para um impostor! disse em voz baixa um homem sisudo, dirigindo-se a um seu amigo.

—Tambem a mim, respondeu o outro. Que pode elle esperar da sua pertinacia?

—Aqui ha grande mysterio! retruqui o primeiro: os hespanhoes temem-se d'elle, e por alguma cousa é.

—Sem duvida; aliás tel-o-iam conduzido a Lisboa, que era a unica maneira de desenganar os credulos.

Os discursos d'estes homens pareciam razoaveis (pena é que a historia nos não conservasse os seus nomes), porém a população, que nada mais ambiciona do que espectaculos, que vê com a mesma satisfação rolar sobre o cadafalso a cabeça de um martyr ou a de um tyranno, assistia alegremente a este hediondo festim, arremecava pedras ao desgraçado, e gritava-lhe aos ouvidos, por zombaria: «Viva el-rei de Portugal!» Como o Redemptor do mundo, subindo ao Golgotha, entre os brados de «Salve, rei dos judeus,» soltados por uma população estúpida e má, este novo martyr (impostor ou rei?) foi levado até ao cães, e embarcado em uma galé real, para, amarrado a um banco de remador, servir nos mares da Sicilia. Não se haviam atrevido a sentenciar-o á morte, porque a mãe de Marco Tullio Catissoni não reconheçera o prezo por seu filho; e o soldado, amigo de infancia, em que lhe fallara o vice-rei, arrependeu-se a tempo, e declarou em publico que fôra comprado para testemunha falsa (1).

Passados alguns mezes voltou da Sicilia a Napoles

o nobre captivo, e perguntando quem era o vice-rei, responderam-lhe que era o conde de Lemos.

—O conde de Lemos! tornou o prezo com a expressão de um incredulo: pois não morreu?...

—O conde moço... que o pae finou-se no mez de maio.

—Providencia divina, existes!

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

LISBOA.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO.

Entre os muitos e magnificos templos que se admiram em Lisboa, e dão claro testemunho da religiosidade dos seus habitantes, distingue-se o de Nossa Senhora do Loreto.

Não deve este porém a sua fundação aos nossos conterraneos, senão aos piedosos italianos residentes na capital.

Emporio de um immenso commercio, Lisboa era no seculo XVI uma das mais importantes cidades da Europa. Grande numero de estrangeiros aqui viviam; porém a maior parte d'elles tinham por patriam a formosa Italia.

Uma prova d'esta asserção é que, pelos annos de 1517, impetrada e obtida a necessaria permissão do papa Leão X e de el-rei D. Manuel, puderam fundar a sua primeira igreja, em uma ermida da invocação de S. Antonio, que para esse fim ampliaram, e a qual ficava contígua ás antigas portas de S. Catharina, mas da parte exterior das muralhas da cidade. Por breve do concilio lateranense, passado em abril de 1518, confirmado por Leão X, e depois por Clemente VII em 1523, e por Benedicto XIII em 1726, foi annexada aquella igreja a este cabido. A primeira missa celebrou-se no novo templo em 8 de janeiro de 1522, já no reinado de el-rei D. João III. Não se cuida todavia que a igreja estava inteiramente concluida n'esta epocha; para esse fim carecia-se demolir uma das torres da cêrca de defeza, e D. João III não permittira tal demolição; que só foi aliás consentida pelo infeliz D. Sebastião, mediante certas condições, a que os italianos se obrigaram, por escriptura lavrada aos 24 de abril de 1577.

Não pararam aqui as pretensões dos fundadores, antes concluidas as obras de edificação, requereram que a sua igreja fosse elevada á cathogoria de parochia de todos os italianos residentes em Lisboa. O cabido d'esta cidade oppoz-se energeticamente, elevando suas queixas ao papa Paulo III, o qual commetteu o exame do tão espinhoso negocio ao tribunal da Rota, decidindo este a final que era impossivel a criação d'aquella parochia sem consentimento especial e expresso do cabido lisbonense.

Cinco annos depois, ou porque o cabido entendesse dever prestar um testemunho de gratidão ao tribunal da Rota, que lhe reconheçera o seu direito, ou por outros motivos, que não é facil hoje averiguar, os italianos alcançaram o que tantas vezes haviam infructuosamente solicitado, sendo com effeito erigida a nova parochia, do que se lavrou auto solemne.

Era o templo, segundo a opinião dos escriptores contemporaneos, digno em todo o ponto da cidade em que fôra edificado, e da opulencia dos fundadores. As suas alfaias e ornamentos eram de uma riqueza e primor admiraveis. Um incendio violentis-

(1) D. João de Castro, na obra ja citada.

proporção que o astro do dia rareava seu brilho, occultando-se no occidente, um astro da noute, a cratera do Vesúvio vomitava na outra extremidade do golpho chammas intensas e torrentes de lava, que adquiriam mais esplendor com a aproximação das trevas.

Quem deixaria de sentir-se fascinado á vista de tão magestoso quadro?... Quem! Os pobres pescadores de Portici, e mil outros infelizes, avexados com tributos pelos delegados d'el-rei de Hespanha; os *lazzaroni* cobertos de andrajos; os martyres politicos encerrados nos castellos de Santelmo e do Ovo; os pacificos moradores, que no interior de suas casas, no meio de suas familias, se não julgavam immunes da sanha de um governo inquisitorial; e um desgraçado prizioneiro que, desamparado dos homens, e suppondo-se igualmente desamparado de Deus, jazia carregado de ferros no castello de uma galé, que estava surta no porto. Oh! esse olhava com estúpida indifferença para a cidade, elevada em gracioso amphitheatro sobre as aguas; para esse cinto de vegetação que a estreita, cortado aqui e ali por algum sumptuoso mosteiro ou palacio campestre desde Loreto até ao pittoresco monte Pausilippo; e para o fundo do painel, que se enxergava longe, lá bem longe, o cume dos Apenninos, estampado no mais puro azul celeste.

Nossos leitores adivinharão facilmente quem era este homem; e dispostos de antemão, como devem estar, para assistir á execução de todas as barbaridades que a maldade humana pode inventar, reflectindo que é nas garras dos patricios de Pizarro e de Cortez que o infeliz caíu, tenham a bondade de seguir-nos até ao cáes, e ahí, confundidos com a plebe que se apinha para gosar de um espectáculo doloroso, presenciaremos uma scena que ata o fio d'esta chronica, partido ha alguns dias em outro bello lugar d'esta poetica e invilecida Italia.

Um batel abicou á terra, e alguns mosqueteiros desembarcaram d'elle, conduzindo entre si um homem duramente algemado; afastando graciosamente o povo com as coronhas dos mosquetes, estes tyrannetes se abriram caminho até ao Castello Novo: pela ponte levadiça atravessaram o fosso, entraram em uma vasta plataforma erriçada de bombardas, e, tendo subido alguns lanços de escada, penetraram em uma sala de pedra, cujo ornato eram armas antigas e brazões.

Um homem estava ahí, em pé e descoberto, talvez porque o calor já começava a sentir-se n'este clima temperado, posto que a primavera estivesse apenas a começar; vendo aproximar-se o prezo, deu alguns passos a enconral-o... mas qual não foi o seu espanto ao ouvir aquelle infeliz algemado dirigir-lhe estas palavras:

—Cobri-vos, conde de Lemos; sabemos que direito vos assiste para o fazer em nossa presença, como grande de Hespanha que sois.

Houve um momento de silencio. Depois o vice-rei arremetteu com o desgraçado prizioneiro, cobrindo-o de injurias, e enumerando todos os supplicios que o esperavam, se para logo não retractasse publicamente as declarações que havia feito de ser D. Sebastião, rei de Portugal; se não se deixasse considerar como pescador da Calabria, como filho de uma pobre mulher, que brevemente lhe seria apresentada, como amigo da infancia de um soldado, que dizia havel-o reconhecido em Florença por Marco Tullio o calabrez; porém o homem a quem se dirigiam tantas affrontas e ameaças, aquella alma de mais rija tem-

pera do que o metal que lhe agrilhoava o corpo, semelhante ao promontorio sobre cuja cabeça estoura a tempestade, e que, inabalavel, só repete com surdo fragor o mesmo estampido, teve unicamente voz para dizer:

—Eu sou D. Sebastião, rei de Portugal; tu és um vil, és um infame, porque o sabes e negas.

—E não vês que te posso matar? replicou o vice-rei, rangendo os dentes, e apertando convulsamente o punho da espada.

—Por ti o mister de algoz ficaria deshonrado, respondeu socegradamente o prizioneiro.

Nunca a hyena mostrou com mais ferocidade os agudos dentes ao arremetter com o caçador, do que o conde de Lemos diante d'aquelle homem.

—Para o castello do Ovo, gritou elle com um rugido de tigre.

E os soldados travaram do infeliz algemado.

—Para o castello do Ovo, repetiu o prezo com gesto de inspirado e na postura de um propheta. Vou morrer... mas emprazo-te para de hoje a trinta dias, diante de Deus!

O prizioneiro havia já desaparecido: reinava o silencio na sala; porém uma voz rouca, como de ave agoureira, sinistra como a de um condemnado, murmurava a espaços uma palavra fatal: «Emprazado!» Era a voz do vice-rei.

O castello do Ovo, assim chamado pela sua configuração elliptica, está situado sobre um rochedo, e separa-o da cidade uma extensa ponte. No mesmo sitio aonde outr'ora Lucullo teve palacio e jardins deliciosos, onde o ruido das danças, a alegria dos banquetes, a embriaguez da orgia faziam esquecer o amargo da vida, estavam agora pezadas abobadas, estreitos calabouços, abafando os suspiros de infelizes, suffocando o estertor de moribundos! Lá gemia o verdadeiro ou falso D. Sebastião, havia tres dias, sem lhe haverem dado alimento algum... nem agua! Sem ver uma face humana, até que appareceu um carrasco agaloado. Vendo com espanto que o prizioneiro ainda estava vivo, o esbirro saiu da masmorra sem dizer palavra. Passadas algumas horas um verdugo inferior veio trazer ao prezo um pão negro e uma bilha com agua: o infeliz devorou o pão, e bebeu todo o liquido de uma vez, sem lhe lembrar que pudesse ter veneno; depois, o mesmo carcereiro trouxe-lhe um cutelo e um barão.

—Escolhei, lhe disse, é a ordem do vice-rei; servi-vos da corda ou do ferro: assim evitaveis uma execução publica.

E saiu.

O prezo olhou alternativamente para o barão e para o cutelo; apanhou cada um d'aquelles instrumentos de morte com uma das mãos, contemplou-os de espaço, e sorrindo; depois, por uma subita resolução, seus olhos chammejaram, e bradando com força: «Não!» arremeçou para longe de si aquelles objectos de tentação para um desgraçado.

Cinco dias eram passados, e vieram de novo examinar se tudo estava concluído: porém o prezo movia-se e fallava.

—Prodigioso! clamaram os sayões.

—Podeis levar esses instrumentos de morte; não me servem. Quero ser executado na *praça do Rei*, em publico.

—Seja como dizes.

Era um novo interlocutor que proferia estas palavras. A sua voz soou aos ouvidos do encarcerado, como o dobre de um sino. Recordou-se de a ter ouvido outro dias antes; não se enganava.

simo reduziu tudo a cinzas no dia 29 de março de 1651, salvando-se apenas, e com algum custo, o cofre do Santissimo Sacramento.

O prejuizo foi enorme; todavia, poucos dias depois, começaram os trabalhos de reconstrucção, que se ultimou passados vinte e cinco annos, sendo todas as despesas, que foram, como é de suppor, avultadissimas, á custa dos habitantes de nação italiana.

Parece que por esta occasião ficára de nenhum effeito o contrato que haviam celebrado com o cabido lisbonense; releva porém advertir, que apesar da decisão da legacia, que o annullára, foi visitada esta igreja em 25 de agosto de 1677 pelo cardeal arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa, e em 29 de outubro de 1725 pelo doutor Manuel Lopes Simões, por mandado do cardeal patriarcha D. Thomaz d'Almeida.

O terramoto de 1755 não causou consideravel prejuizo, na igreja de Nossa Senhora do Loreto, mas um incendio subsequente, communicado pelos telhados do palacio do secretario de guerra, João Pereira da Cunha Ferraz, cujos vestigios ainda existem na travessa conhecida pela denominação do secretario de guerra, consumiu totalmente o templo, com todas as alfaias que n'elle se encerravam, que eram muitas e preciosas.

Artisticamente a perda foi ainda mais lamentavel, porque se perderam no terrivel sinistro os quadros, que ornavam os retabulos dos altares, devidos, na maxima parte, a pintores de muita nomeada; bem como quatorze estatuas de jaspe soberbo, representando os doze apóstolos, e dous evangelistas, S. Lucas e S. Marcos, que guarneciam a igreja, mettidas em nichos sobre as capellas.

Na sacristia, que escapára do incendio, continuaram contudo a celebrar-se os officios divinos, em quanto se não concluia a nova igreja, o que aliás se conseguiu em poucos annos, graças á nunca desmentida generosidade e piedade dos moradores italianos, e á efficaz cooperação do nuncio apostolico.

Está situada a igreja de Nossa Senhora do Loreto em sitio aprazivel; a fachada principal olha ao sul, e faz frente á da igreja parochial de Nossa Senhora da Encarnação, no sitio que por esse motivo se chama Largo das Duas Igrejas. A fachada lateral olha ao poente, e corre na direcção da rua denominada de S. Roque.

A estampa representa a fachada do lado do sul; duas escadas, guarnecidas de balaustradas de pedra excellente, com portas e grades de ferro, collocadas modernamente, conduzem á porta principal do templo, decorada como fielmente o indica o desenho. Ao lado da porta, mettidas em nichos, vêem-se as estatuas de S. Pedro e S. Paulo, obra de boa esculptura; e na parte superior da fachada, e em um nicho tambem, está a estatua colossal de Nossa Senhora do Loreto, trabalho do peor gosto e effeito, que pode imaginar-se. Em geral o templo, construido de solida cantaria, não se recommenda pela sua perfeição architectonica. O estylo é pezado, e um exame escrupuloso, que aliás não é proprio d'este logar, lhe demonstraria não poucos defeitos de arte.

Interiormente é a igreja de uma unica nave, mas espaçosa; tem cinco capellas do lado da epistola, quatro da parte do evangelho, occupando a porta travessa o vão de uma, e duas collateraes da capella-mór, que é mui rica. As paredes e os altares são revestidos de finos marmores, perfeitamente polidos nos apainelados, e esculpidos com singular esmero nas obras de decoraçáo. Sobre as capellas estão os

nichos onde se admiravam as estatuas dos apóstolos, e dos evangelistas S. Lucas e S. Marcos. Como a sua substituição fosse cousa despendiosissima, Cyrillo Wolkmar Machado encarregou-se de as pintar no fundo dos ditos nichos, e o executou com tal pericia, que illudem os menos experientes e os desprevenidos. O grande quadro do tecto, representando Nossa Senhora do Loreto, e os anjos transportando a sua casa, foi pintado por Pedro Alexandrino de Carvalho, a quem se devem alguns dos melhores quadros, que se admiram nas igrejas de Lisboa. É força confessar porém que este a que nos referimos talvez seja o menos apreciavel dos seus numerosos trabalhos, posto que n'elle resplandeçam algumas das preciosas qualidades que distinguiam aquelle bem conhecido artista.

Finalmente a igreja de Nossa Senhora do Loreto, se nem pela sua perfeição architectonica, nem pela sua antiguidade, merece a qualificação de monumental, pela solidez de sua construcção e riqueza de suas decorações pode equiparar-se ás melhores da moderna Lisboa.

OS IRMÃOS MORAVOS.

EXTRACTO DA OBRA DE J. DROZ SOBRE O CHRISTIANISMO.

Os nossos actuaes innovadores dividem-se em diferentes systemas, accordes todos porém n'um ponto; olham com desprezo profundo as reformas lentas e parciaes. Para nos levarem á *idade de ouro* pretendem estabelecer a ordem social sobre novas bases. Até hoje o successo não realisou nenhuma das suas brilhantes e faceis promessas.

E não é porque seja impossivel formar sociedades mui differentes da nossa; para prova apresentarei a existencia dos irmãos moravos. Nos seus estabelecimentos não se conhece a miseria, todos vivem pacificamente e em união; prosperam em numerosos pontos da Europa e da America; penetraram na Asia, na Africa e n'essas ilhas longinquoas; por toda a parte se apresentam animados do mesmo espirito. Desejei saber como elles tinham conseguido realisar fins tão beneficos, e fui visital-os á aldeia de Zeist cêrca de Utrech.

A sua sociedade differe muito da nossa no que respeita ao moral, sem que os seus fundadores alterassem em cousa alguma as bases ordinarias da ordem social. Viajantes ha que acreditaram o contrario; lançaram para o exterior da habitação dos moravos uma vista d'olhos, e tendo apenas lobrigado o interior de uma especie de bazar, cheio de objectos fabricados pelos irmãos e vendidos pela sociedade, concluíram d'ahi, que cada irmão trabalhava para todos, pondo em commum os productos da sua industria; tal idéa porém não é exacta.

Os moravos consideram a desigualdade dos bens como um poderoso meio de união e dependencia reciproca entre os homens. A agricultura na sua sociedade, assim como na nossa, tem proprietarios, rendeiros e jornaleiros; a industria empregarios, mestres e operarios. As rendas e as ferias, ou salarios, são ajustados por accôrdo entre partes; sendo certo que cada irmão é tão senhor como nós de dispor do que lhe pertence (1).

(1) O bazar é estabelecido pelos anciãos (*seniores*) que administram a sociedade — ali se vendem objectos comprados aos artistas moravos e a outros.

A boa união das familias é o alvo constante da sociedade dos moravos; e por isso gostam de se aproximarem uns aos outros, sem contudo viverem em *commum*. A sua principal habitação em Zeist é um espaçoso edificio, composto em parte de casas que no exterior parecem formar uma só, mas sem communição interior (1); nenhum irmão tem por obrigação morar n'elle; nem é necessario para a existencia da sociedade um vasto edificio. A mais elegante casa de Zeist pertence a uma viuva morava, amada e venerada pelos seus numerosos beneficios.

Em algumas cidades acham-se os irmãos confundidos com os demais habitantes; então é-lhes mais difficil ajudarem-se mutuamente; porém não os desanimam os obstaculos, que vencem com o sentimento que os anima.

O que tantas vezes tem sido repetido do poder discrecional dos anciãos a respeito dos casamentos, não passa d'uma fabula. É tão pouco conhecida esta sociedade, que em uma obra sobre os *reformadores*, publicada ainda ha poucos annos, lê-se «que os moravos não tem sacerdotes;» tendo aliás bispos, pastores, diaconos e acolytos.

Não foi com instituições estranhas, nem costumes extravagantes que esta sociedade conseguiu realizar os seus intuitos. Onde foi ella pois buscar a união, a paz e a ventura que desfructam os seus membros, e que patentea a sua serena physionomia, quasi sempre animada d'uma amavel alegria?... A origem de tantos bens é o sentimento religioso que domina nas suas almas. Estes irmãos são christãos; posto que desgraçadamente separados da Igreja catholica. Comettem erros, e estão privados de grandes soccorros espirituaes; mas n'esses restos que conservaram existe ainda um principio de vida.

A cousa de maior importancia para um moravo é a sua salvação; tem a convicção de só a poder alcançar praticando o amor de Deus e dos homens, com a mediação de Jesus Christo; esta disposição do seu espirito, dando-lhes uma grande superioridade moral, torna-os doces aos dictames da equidade. Por exemplo, não existe auctoridade que estorve a liberdade das suas convenções particulares; mas se consta aos anciãos que alguns jornaleiros exigem salarios excessivos, ou que um proprietario quer pagar soldadas diminutas; heil-os intervindo por via de representações. São homens razoaveis convencendo homens razoaveis; as explicações são sinceras, amigaveis; os que erraram reconhecem o seu erro, e promptamente procuram emendal-o.

Os moravos são fieis observadores das leis do paiz que os admittiu, e até lhes obedecem n'aquelles pontos que a maior parte dos outros habitantes tem menos escrupulo de infringir. Podem livremente invocar a protecção d'essas leis, e recorrer ás justias do paiz; mas os anciãos dão-se pressa em prevenir o escandalo d'um irmão citando outro irmão aos tribunaes, e por isso as questões concluem-se amigavelmente quasi sempre.

A razão actua incessantemente nos membros d'esta sociedade, mas uma razão esclarecida e fortificada pelo poder do principio religioso.

Quando já proximo a deixar a aldeia de Zeist, me fui despedir d'um pastor (o sr. Raillards), cuja extrema complacencia se não cansou com as minhas tão numerosas perguntas, disse-lhe:

(1) O viver em *commum* é somente offerecido ás pessoas que não possuem sufficientes recursos para poderem viver independentemente.

— Deixo-vos em uma residencia pacifica, e volto a um mundo agitado. Sabeis talvez quanto os nossos operarios estão descontentes com a sua sorte; não existe nos vossos usos alguns que me sejam ainda desconhecidos, e que fosse util transportar ás nossas officinas? — Não, me respondeu elle, nada fazemos de extraordinario, nem temos inventado cousa alguma: as mesmas caixas economicas devemos-as aos estrangeiros. Pois que! não me indicareis meio algum de levar a paz aos homens? — Ha dous. — Ah! dizei-me quaes são? — A fé em Jesus Christo, e a pratica das suas maximas. — Mas, repliquei eu com tristeza, bem sabeis quão fraco é actualmente o motor religioso para grande numero de homens. — Elle levantou os olhos ao céu, e disse-me: — Com estes dous meios tudo é facil; mas não existe cousa que os possa substituir!

SZAMONTRO.

AS PRIZÕES DO SPIELBERG.

O Spielberg e Silvio Pellico são dous nomes já agora inseparaveis. Se não fôra o captiveiro de Pellico, o rochedo da Moravia continuaria a ser apenas, o que é de feito, uma prizão de estado sombria e severa; mas no fim de tudo semelhante aos outros estabelecimentos da mesma especie. As *Minhas Prizões* arrancaram-na da obscuridade, dando-lhe um renome europeu.

Entretanto quem quizer ter alguma noticia d'esta fortaleza, onde Silvio Pellico esteve encarcerado durante outro annos e meio, não deve buscá-la no seu livro. O auctor das *Minhas Prizões* é sobrio de descrições: do mesmo modo que nos pinta um retrato com quatro pinceladas — e nem por isso elle nos fica menos profundamente gravado na memoria — assim apenas consagra algumas linhas para nos fazer conhecer os carcereiros que foram sua habitação, e que por pouco não foram tambem a sua sepultura. Os objectos exteriores não occupavam a alma elevada e nobre de Pellico; todos os seus pensamentos erguiam-se do fundo do seu calabouço, para esse mundo invisivel, esse mundo das almas puras, onde temos fé que reside o generoso espirito, que pela sua paciencia no infortunio, bem mereceu a felicidade dos justos.

É pois mister preencher a lacuna voluntaria do immortal livrinho de Pellico. Poucos viajantes têm visitado o Spielberg, porque o governo austriaco não concede facilmente essa especie de auctorisações; e depois, aquelles que obtêm licença de ali penetrar, nem sempre se resolvem — ou por serem allemães, ou por terem algumas relações com a Austria — a revelar ao publico o que viram. A narração que copiámos deve-se a um francez, mr. Remacle, inspector das prizões em França; foi publicada nas *Memorias da academia da Gard*, e traduzida em allemão na *Conversations-Blatt*.

O governador da fortaleza não podia levar á paciencia que se concedesse a um francez a licença de visitar os horrorosos carcereiros do Spielberg, posto que esse francez estivesse encarregado de uma missão official.

Em primeiro logar releva declarar que a fortaleza de Spielberg, muito tempo reputada inexpugnavel, mas que apesar d'isso caiu em poder dos francezes, vencedores em Austerlitz, está situada ao poente da cidade de Brunn, capital da Moravia, sobre um cêrro de 259 metros de altura. Os prezos que ali se conservam são de ordinario criminosos, pertencentes ao

archiducado d'Austria, da Moravia e da Bohemia, condemnados a pena superior a dez annos de detenção.

O caminho que costuma tomar quem pretende dirigir-se á prizão é do lado da cidade. A cento e cinquenta passos da primeira porta encontra-se uma casa de guarda, que fornece as sentinellas da montanha; depois segue-se um recinto de palissada, e segunda casa de guarda. Uma subida bastante íngreme conduz a uma escada, com portas nas duas extremidades: chegando ao ultimo degrau acha-se em frente da prizão, ficando á direita e á esquerda um caminho de ronda, uma guarita, e o quartel do director.

A prizão admite criminosos dos dous sexos. Quando mr. Remacle a visitou continha 375 individuos, repartidos em seis divisões, compondo-se cada uma de dez enxovias de grandeza desigual. Além d'isto ha edificios destinados para enfermarias, armazens e officinas. O viajante mediu um dos mais pequenos carcereiros, semelhante áquelle em que vivêra Silvio Pellico antes de se lhe permittir que estivesse junto com Maroncelli; tinha 4^m, 50 de largura sobre 6^m, 50 de comprimento. A mobilia compunha-se de uma barra, uma manta de lã, uma enxerga, algumas taboas ao pé da cama para pôr o feto, uma bilha, e uma ceilha de pau. A janella, levantada 6 pés acima do chão, era guarnecida de fortes varões de ferro. Cada carcereiro tem um fogão, desde que se resolveu aquêcel-os metade do anno. A Silvio Pellico, á profunda sympathia que a narração dos seus padecimentos excitou na Europa, é que os prezos actuaes do Spielberg devem o melhoramento da sua sorte. Sabe-se quão pequena era a porção de alimento concedido a cada detido, quando ali esteve o auctor das *Minhas Prizões*. Durante o primeiro anno Pellico soffreu todos os horrores da fome. Se ao menos os alimentos, fornecidos com tanta parcimonia, fossem supportaveis! Só o cheiro provocava vomitos. Entre outros, dava-se ali uma preparação a que os allemães chamam *brenn-suppe*, a qual consiste n'uma fritura de farinha e toucinho. «E'na nauseabunda,» diz Maroncelli, companheiro de Silvio Pellico. No Spielberg fazia-se d'ella todos os seis mezes um grande caldeirão, d'onde se extrahia cada dia a porção necessaria. Este detestavel condimento era depois desfeito em agua a ferver! Maroncelli affirma que o seu amigo não podia tragar este reijento liquido; e por isso tirava para fóra as sopas de pão de centeio que n'elle boiavam, e guardava-as para o seu jantar depois de sêccas ao sol!

Depois de Pellico e Maroncelli o regimen alimentar da prizão do Spielberg melhorou. Os prezos recebem agora carne ao domingo, e legumes nos outros dias da semana; a ração de pão augmentou meia libra por dia. Mas ah! porque não haviam de ter as outras prizões austriacas o seu Silvio Pellico? Estas medidas de humanidade restringiram-se exclusivamente ao Spielberg. «Na maior parte das prizões eu vi, diz mr. Remacle, os prezos morrerem tísicos, á falta de alimentação sufficiente.»

Graças igualmente a Silvio Pellico a pena do *carcere durissimo* foi abolida.

N'outro tempo havia no Spielberg duas cathogorias de prezos: uns condemnados ao *carcere durissimo*, outros simplesmente ao *carcere duro*. Os sentenciados da primeira especie eram, todas as tardes, depois do trabalho, conduzidos para horriveis enxovias subterraneas. Ali, prendiam-nos por uma argola enfiada no cinto, a um grilhão de ferro chumbado na parede. Aos pés punham-lhes cadeias; e as mãos conservavam-lh'as em distancia uma da outra por meio de uma barra de ferro. Vejam se era possivel n'esta

posição pregar olho? Se gemiam, ou gritavam, o carcereiro introduzia-lhes na bôca uma caixa, do feitio de um pero, cheia de pimenta, que se lhes infiltrava na garganta, pelos buraquinhos que tinha em roda!

Os condemnados á prizão *dura* podem tambem ser seguros á horrivel cadeia de ferro, a que nos referimos, mas unicamente em casos excepcionaes, como por exemplo quando procedem mal...

O *carcere durissimo* é nada á vista dos carcereiros que têm o nome do imperador Francisco I, os quaes se prolongam pelo fundo de um escuro subterraneo. Tres portas lhe defendem a entrada; e todavia citam-se os nomes dos prezos que têm escapado d'aquella caverna, apesar da vigilancia severa que se exerce dia e noute na fortaleza. De noute principalmente é um nunca acabar de patrulhas, de rondas, de sentinellas, de visitas do director e dos guardas. Mas ainda ha peor do que tudo isto: por baixo d'estes antros, existem outros mais horrores e mais lobregos; para os ver são necessarios archotes. As *gaiolas* de ferro, que a barbaria da idade media tinha inventado para encerrar criminosos, encontram-se no Spielberg, e ainda não ha um seculo que se deixou de fazer uso d'ellas. Imagine-se uma jaula formada por grossos barrotes de madeira, atarracados com varões de ferro; uma pequena abertura servia para passar o comer, que ali traziam os guardas, munidos de lanternas, tres vezes cada semana, e outra abertura maior para entrar o prezo, que não podia sequer mover-se. E d'estas havia nada menos de trinta e quatro! No fim de poucos mezes o carcereiro havia consumido a sua victima!

Isto parece incrivel, mas é verdade; e semelhantes horrores praticavam-se, e praticam-se ainda, em grande parte, no seio de uma potencia christã!...

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º